

A experiência da formação do Professor Violonista Acompanhador: um estudo com documentação narrativa

Edson Barbosa de Oliveira
Universidade de Brasília-UnB
edsonarcanjoviolo@gmail.com

Delmary Vasconcelos de Abreu
Universidade de Brasília-UnB
Delmaryabreu@gmail.com

Comunicação

Resumo: Apresento nesta comunicação a síntese de uma pesquisa de mestrado em andamento que tem como objetivo compreender a experiência da formação do professor de música e violonista acompanhador apreendendo, nas narrativas auto(biográficas), como a prática desse instrumentista contribui na formação de sua experiência. O interesse pela temática surgiu da minha experiência profissional como professor e violonista acompanhador, partindo da minha história de vida com a música. A fim de alcançar tais objetivos adoto como conceitos fundantes a biografização do sujeito, na perspectiva de Delory-Momberger (2008, 2012) e Alheit (2008, 2011, 2013), e também o conceito de formação a partir das compreensões de Josso (2004) e Passeggi (2011, 2016). Como pressuposto teórico-metodológico da pesquisa será utilizada a Documentação Narrativa que se caracteriza como formação ação, nesse caso pesquisa-formação-ação com música (SUÁREZ, 2008, 2015, 2016). Os trabalhos que têm abordado o tema sobre acompanhamento musical na literatura trazem compressões de que a formação desse profissional acontece de maneira empírica, na prática. Portanto, a pesquisa em andamento pretende se debruçar nesse empirismo para entender especificidades dessa formação.

Palavras chave: professor e violonista acompanhador; narrativas com música; documentação narrativa

Introdução

Apresento nesta comunicação a síntese de uma pesquisa de mestrado em andamento que tem como objetivo compreender a experiência da formação do professor e violonista acompanhador. Tal compreensão consiste em apreender, nas narrativas com música, como se dá a formação de um professor violonista acompanhador, entendendo que esse processo formativo nem sempre está sistematizado em ambientes formais de aprendizagem. Nesse sentido, interessa-me saber como as vivências desse instrumentista contribui na formação da sua experiência profissional.

Mas o que justificaria fazer uma pesquisa com professores violonistas acompanhadores? Em que a narrativa desses sujeitos poderiam contribuir nos estudos da Educação Musical que tratam da relação dos sujeitos com a música nos seus processos de apropriação e transmissão?

Ao tratarmos da história da formação individual desses sujeitos não queremos ver apenas “atos situados de aprendizagem de indivíduos particulares, mas a aprendizagem transformada em experiências, de saberes e de estruturas de ação na inscrição histórica e social dos modos-de-vida individuais”. (ALHEIT 2006, p. 185).

Nessa perspectiva, as narrativas com música dos sujeitos, possibilitará capturar registros que estão, de certa forma, “criptografados”, “cifrados” e que com as narrativas poderá acontecer a “descriptografia” das histórias de como ocorreu o seu processo formativo e os acontecimentos que contribuíram para a sua constituição como um professor violonista acompanhador, tendo nesse processo a possibilidade da “ressignificação da experiência vivida”. (PASSEGGI, 2011, p. 154). Além disso a “capacidade de combinar esses processamentos internos com as condições externas de sociabilidade” que poderá vir a constituir-se como processos de biografização. (ALHEIT, 2011, p. 31)

Uma vez que a pesquisa (auto)biográfica tem um propósito formativo, os sujeitos se formam quando narram “a cada versão da história a experiência é ressignificada”. E, nesse caso, ao mesmo tempo que se formam produzem uma ação que poderá contribuir na formação de outros profissionais. (PASSEGGI, 2011, p. 148)

Nesse sentido, a pesquisa pretende construir com os sujeitos uma documentação narrativa, cuja abordagem será a pesquisa-formação-ação, que tem como um dos seus objetivos documentar aquilo que não está documentado, ou seja, a palavra do professor, a validação do

saber pedagógico de quem o vive. A documentação narrativa trabalha com relatos de experiência e traz o narrador para pesquisa como o autor do seu próprio relato, autor da sua experiência, autor e protagonista da sua história, com a proposta de validar os saberes que não estão sistematizados. (SUAREZ, 2008, p. 112)

O autor entende que há um problema de comunicação entre o mundo acadêmico e o mundo das práticas escolares em um contexto geral nas pesquisas em educação tradicionais. Existe um distanciamento entre o que se pesquisa e o que se vive de fato na ação, em sala de aula pelos professores. E aqui faço uma *transposição* das palavras do autor, da sala de aula e mundo escolar, para o mundo das práticas formativo-musicais de professores violonistas acompanhadores.

Para uma melhor compreensão disso, trago as palavras do maestro Levino Ferreira de Alcântara, fundador da Escola de Música de Brasília. Para ele, a formação musical “nasce das experiências dos indivíduos e a universidade não considera a experiência da pessoa e isso é um problema” (ABREU, 2016, p. 132). Isso remete as palavras de Delory-Momberger (2008), ao considerar a relação entre as instituições e o sujeito biográfico.

É necessário que as haja, por parte das instituições formadoras, o desenvolvimento de uma concepção global da formação, de forma, que ao lado dos saberes formais externos aos sujeitos, aos quais visa a instituição universitária, devam estar os saberes subjetivos e não formalizados que os indivíduos utilizam na experiência de sua vida, nas suas relações sociais e na sua atividade profissional. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 90-91 apud ABREU, 2016, p. 132)

É nesse sentido que Alheit (2006, p. 178) discute que “a educação ao longo da vida concerne a todas as atividades significativas de aprendizagem”, sejam elas formais, não formais ou informais. Da mesma maneira, Passeggi (2016) ressalta que “aprendizagens se fazem em todos os ambientes e nos mais diversos aspectos da vida”. Isso nos leva a pensar no entrelaçamento da formalidade, “aprendizagens adquiridas nos sistemas educacionais e validadas por um diploma”, com a não formalidade que trata de “aprendizagens desenvolvidas no seio de atividades profissionais e sociais”, bem como na informalidade, entendida como

“aprendizagens realizadas na vida cotidiana e de modo não intencional e inconsciente”. (PASSEGGI, 2016 p. 76)

E caminhando juntos nesses três seguimentos, formal, não formal e informal, a aprendizagem biográfica vai se constituindo no e com o próprio sujeito. E, para tanto, as instâncias formadoras nem sempre dão conta de abarcá-los. Nessa perspectiva, podemos pensar que, o fio condutor de uma educação musical que busca abarcar essa globalidade dos saberes formais, não formais e informais, é aquele em que o sujeito é o protagonista de sua história sendo ele, talvez, o único capaz de abarcar a totalidade da formação nesses diferentes aspectos que ocorrem ao longo de sua vida formativa com música.

1. Construindo o Interesse pelo Tema

O interesse por essa temática surgiu de minha experiência profissional como professor violonista acompanhador. Das diferentes maneiras pelas quais podem emergir uma temática de pesquisa, resolvi partir da minha história de vida com a música. De acordo com Josso (2004), as escritas de si possibilitam explicitar singularidades, vislumbrar o universal e perceber o caráter processual da formação e da vida. Isso ocorre por meio da articulação entre espaços, tempos e nas diferentes dimensões de nós mesmos, em busca de uma sabedoria de vida. Isso permite que a utilização das experiências pessoais se torne recursos para reflexão, pois como é descrito por Nóvoa em Josso (2004), no prefácio de *Experiências de Vida e Formação*, “ninguém forma ninguém e que pertence a cada um transformar em formação os conhecimentos que adquire ou as relações que estabelece”. (JOSSO, 2004, p. 15)

Em minha trajetória musical venho desenhando minha carreira como professor e violonista acompanhador. Como músico profissional venho atuando no cenário musical brasileiro em diferentes espaços e com diversos cantores e instrumentistas. Essa prática profissional aliada à minha área de formação e atuação como professor licenciado em música vêm me suscitando questionamentos relacionados ao modo como se dá a formação do professor violonista acompanhador. Como bem lembra Delory-Momberger (2008) que, os saberes subjetivos e não

formalizados são a base da experiência de uma vida [com música], como é o meu caso, uma vida cujos saberes biográficos constituíram-me, na experiência da formação, um professor violonista acompanhador.

2. Pressupostos Teóricos

Apresento neste tópico os pressupostos teóricos que embasam a pesquisa em andamento. Tomo como referência o conceito de Biografização na perspectiva de Delory-Momberger (2008, 2012) e Alheit (2006, 2013).

Para esses autores, biografar-se é um processo de escrita da vida, em que nas escritas de si – narrativas com música, os sujeitos têm a possibilidade de reviver acontecimentos que os constituem e os inscrevem no mundo. Ao fazer as narrativas das situações vividas, os sujeitos têm a possibilidade de estabelecer uma conexão com esses acontecimentos permitindo-se fazer, nesse processo, uma tomada de consciência de si e reconfigurar nas narrativas as suas compreensões sobre o ocorrido.

De acordo com Delory-Momberger (2012), é na epistemologia do texto narrativo, objeto de estudo da pesquisa biográfica, que se “estabelece uma reflexão sobre o agir e o pensar humanos”. E, segundo a autora, é nesse ir e vir no processo narrativo que o sujeito se torna autor do seu relato, adquirindo autonomia e criando poder de decisão tomando as rédeas de sua vida pois, a partir da compreensão das escritas de si é ele quem decide o rumo de suas ações fazendo mudanças em suas atitudes sejam elas no mundo profissional ou social e, até mesmo, se decidirá fazê-las ou não, só que agora com consciência da sua “gestão biográfica”. (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 524)

Nesse sentido, Passeggi (2016) nos ajuda a pensar sobre o retorno a si mesmo por intermédio das narrativas (auto)biográficas em que os sujeitos as utilizam para explicitarem o que sentem na reelaboração dos acontecimentos da vida, compreendido pela autora como “reflexividade autobiográfica”. Isso ocorre, quando é possibilitado ao sujeito, através das narrativas (auto)biográficas ou dos relatos de experiências, que ele faça uma reflexão dos fatos

narrados, ou seja, sua experiência vivida, refletindo sobre si para entender o outro e o mundo, entender-se no mundo e a tudo que acontece ao seu redor. (PASSEGGI 2016, p. 78)

No mundo contemporâneo há, segundo Alheit (2011) uma necessidade de inscrição individual dos indivíduos na sociedade. A compreensão do autor, nesse sentido, é que isso não é mera trivialidade da nossa biografia, mas uma nova perspectiva do pensamento acerca desse fenômeno, frente a um novo pensamento da aprendizagem, de uma subjetividade ainda não experimentada no processo educacional, exigindo-se “uma maneira totalmente nova de sensibilidade pedagógica”. O autor considera a biografia como um “fenômeno moderno”, que “representa uma nova forma social do conhecimento”. A biografização, de acordo com o autor, mantém aberta uma possibilidade de “auto-referência conscientemente disponível” tornando possível “assumir outra posição em relação a nós mesmos”, entendendo nossa experiência de uma outra forma na qual consigamos uma transformação da visão sobre nós mesmos e sobre o mundo. (ALHEIT, 2011, p. 33)

No decorrer de nossa história, o que experimentamos e vivemos, de certa forma, deixam em nós vestígios sociais que contribuem para as escolhas daquilo que fazemos durante a vida. Segundo Alheit (2011) são “certezas de fundo” que, quando os indivíduos sociais tomam decisões no cotidiano, acessam intuitivamente e inconscientemente, chamadas pelo autor de “estruturas”. Nesse sentido, a biografização propõe uma tomada de consciência dessa parte em nós que não é questionada, para que a partir disso ocorram as mudanças nas estruturas proporcionando “a chance de fazermos, nós mesmos, a nossa vida”. (ALHEIT, 2011, p. 37)

Adoto também conceitos de formação nas perspectivas teóricas de Josso (2004) e Passeggi (2011). Por essas perspectivas, a formação se constituiu ao longo das experiências vividas na relação das pessoas com as instâncias formadoras como um processo de biografização.

Em se tratando da ressignificação da experiência, Passeggi (2011) ressalta que esta se constitui como um dos terrenos mais férteis para a pesquisa (auto)biográfica. A autora observa uma estreita relação entre experiência e formação humana. Nesse sentido, a experiência “constitui-se nessa relação entre o que nos acontece e a significação que atribuímos ao que nos afetou. Isso se faz mediante o ato de dizer, de narrar, (re)interpretar”. (PASSEGGI, 2011 p. 149)

Uma maneira de os sujeitos organizarem e reelaborarem a experiência da formação com narrativas é registrando os seus relatos de experiência. De acordo com Domingo (2016), nesse processo ocorre uma intenção narrativa quando esses relatos se mostram mais do que relatar somente o vivido, mas sim, “fazer do relato uma experiência”, no qual o sujeito se forma ao narrar, além de “iluminar o caminho, abrindo possibilidades e sentidos” para pensarmos a educação [musical] a partir do “saber que ilumina o fazer”. (DOMINGO, 2016, p. 16)

Nessa perspectiva, a documentação narrativa dará forma a esses relatos de experiências, uma vez que ao fazer registros das narrativas orais e escritas editadas pelos coparticipantes da pesquisa, será possível trazer compreensões para si e para outros acerca da formação do professor violonista acompanhador.

3. Caminhos Metodológicos da Pesquisa

Buscando na literatura da Educação Musical pesquisas que tratam da formação musical do professor violonista acompanhador, são poucos os trabalhos que têm discutido a formação desse profissional. (PELLEGRINI 2005; FAOUR 2006; MUNDIM 2009; MONTENEGRO 2013; MUNIZ 2010; COUTEIRO 2012; SILVA 2014; RUBIO 2012). Portanto, essa formação musical do professor violinista acompanhador acontece “na maioria das vezes de forma empírica” (MUNDIM, 2009, p. 27). Assim sendo, acredito que é nesse empirismo que encontraremos algumas respostas para a presente pesquisa. Por isso, justifica-se convidar para a pesquisa violonistas acompanhadores que possam ser coparticipantes nesse processo de pesquisa-formação-ação, por meio da documentação narrativa. Serão três os coparticipantes: um professor do ensino superior, outro de uma escola de choro e um professor particular. Assim será possível, nesses encontros, construirmos uma documentação narrativa com relatos de experiências advindos das narrativas (auto)biográficas com música.

3.1 Pesquisa Qualitativa e Abordagem da Pesquisa (Auto)Biográfica

A escolha da abordagem utilizada em uma pesquisa, seja ela qualitativa ou quantitativa, de certa forma é anterior à pesquisa haja vista que, “reflete a visão de mundo do pesquisador”, que fica implícita nas decisões que determinam o rumo que tomará a pesquisa empreendida por ele. Ao se pensar o início da pesquisa, já aparecerá a abordagem a ser utilizada, pois, mesmo sem ter consciência disso “sua visão de mundo preexiste às questões da pesquisa”. (FREIRE, 2010 p. 14)

As abordagens qualitativas trazem uma perspectiva mais subjetiva em tipos de pesquisa em que o sujeito é colocado em primeiro lugar. Bresler (2007), compreende que a pesquisa qualitativa pode ter diferentes abordagens ao se referir a diversas estratégias com características como “descrição detalhada do contexto de pessoas e eventos”, em que o pesquisador faz do sujeito o protagonista da pesquisa. (BRESLER, 2007 p. 08)

É, portanto, na “observação em ambientes naturais; ênfase na interpretação gerada por perspectivas múltiplas que apresentam questões relacionadas com os participantes e questões relacionadas ao pesquisador”, que se traz uma perspectiva da pesquisa qualitativa ocorrendo uma imbricação entre pesquisador e pesquisado. Que é o caso da pesquisa-formação-ação, por exemplo, cuja “validação da informação no processo de triangulação”, em que se tem a possibilidade de trazer para a pesquisa científica o que (SUÁREZ, 2008 p. 12) chama de “saberes pedagógicos ou saberes práticos” – um dos objetivos da documentação narrativa.

O material biográfico mais apropriado para observação e análise na abordagem metodológica da pesquisa biográfica é de natureza bem particular, já que o único acesso as informações que o pesquisador precisa é possibilitado através dos atos de biografização a que os sujeitos se entregam (DELORY MOMBERGER, 2012 p. 525). E, nesse sentido, só é possível se chegar a esses atos de biografização por meio das narrativas que os sujeitos mantem sobre si próprio. Nessa atividade, pode-se encontrar diferentes tipos de discursos: descritivo, explicativo, argumentativo, avaliativo e outros. A autora considera de grande importância a pluralidade discursiva do relato. Assim, “é no entrecruzamento das formas de discurso que ele apresenta que se tornam potencialmente acessíveis os sistemas de tematização e de valorização utilizados pelo narrador”. (DELORY-MOMBERGER, 2012 p. 526)

E, é nesse entrecruzamento de discursos que o dispositivo da documentação narrativa contribui com a pesquisa em andamento, uma vez que os coparticipantes se reúnem para

construir relatos da experiência da formação com música. No tópico que segue, trago os fundamentos e procedimentos da documentação narrativa.

3.2 Documentação Narrativa

A documentação narrativa de experiências pedagógicas é uma modalidade de “pesquisa ação e participante, narrativa e interpretativa, que tem o intuito de “reconstruir, tornar publicamente disponível, e interpretar os sentidos e significados que os docentes produzem” com os seus relatos que são realizados individual e coletivamente. Os relatos são escritos pelos professores que coletivamente “escrevem, leem, reflexionam e conversam entre os colegas acerca de suas próprias experiências”. (SUÁREZ, 2008, p. 01)

Nesse processo, os docentes escrevem, se narram com os relatos de experiência e compartilham entre os pares, possibilitando assim a edição desses relatos que poderão ser publicados. A partir disso, o pesquisador desenvolve um processo analítico entendendo os significados atribuídos pelos coparticipantes nas diversas abordagens pedagógicas. Ao se narrarem, escrevendo e reescrevendo os relatos, os sujeitos se (auto) investigam, se formam e se pesquisam. Esse, portanto, é um princípio de pesquisa-formação-ação.

O dispositivo da documentação narrativa se faz formativo quando os coparticipantes escrevem, leem, reflexionam e conversam sobre seus relatos de experiência tendo a possibilidade de reorientar suas práticas de maneira sistemática, construindo um novo saber produzido pela pesquisa de sua própria experiência, que se configuram na ação de disposição pública desses novos saberes e sobre a educação musical. (ARAÚJO, 2017, p. 51)

Ao convidar professores violonistas acompanhadores que atuam em contextos diferentes para compartilharem os relatos de suas experiências, na perspectiva da documentação narrativa emergirão os processos formativos desse profissional bem como pontos comuns nos aspectos basilares dessa formação, pois como entende Suárez (2008), a documentação narrativa é uma “inovação na maneira de interpretar os docentes” que, neste caso, consiste na interpretação das experiências do professor violonista acompanhador. (SUAREZ, 2008, p. 112)

Nessa perspectiva, os passos da pesquisa incidem na partilha dos relatos de experiência com música, nos registros audiovisuais dessa proposta, bem como na edição dos conhecimentos musicais e pedagógico-musicais objetivados e socializados pelo grupo de professores violonistas acompanhadores, coparticipantes do processo de elaboração da documentação narrativa.

Portanto, nesse trabalho com documentação narrativa, os coparticipantes terão a possibilidade de explicitar, descrever com detalhes seus mundos como professor violonista acompanhador, no intuito de tematizarem acontecimentos, e que na recorrência dessas temáticas possam chegar nas dimensões da compressão do mundo vivido e também daquilo que é revivido pelas memórias trazidas nas suas narrativas. Portanto, esse será um processo de reelaboração proporcionando-lhes

descrições que colaborem com a compreensão de como transcorrem o processo de constituição e recriação de sentido das próprias ações por parte daqueles que se realizam em diferentes cenários sociais com base na interpretação dos seus saberes, convicções, valorações e interações com os outros. (SUÁREZ, 2008, p. 110)

Na documentação narrativa, a pesquisa não é colaborativa e sim coparticipativa. De acordo com Suarez (2016), “toda pesquisa implica colaboração, mas a coparticipação implica consciência ética, política e epistemológica muito fortes”. Na coparticipação, Suarez (2016) argumenta que o sujeito não colabora para a pesquisa e sim, participa junto no trabalho em comum, mas com diferenças porque a finalização se dá com a publicação do documento produzindo frutos das escritas e reescritas nesse processo de documentação narrativa. Após, o pesquisador finaliza sua pesquisa trazendo do processo analítico compreensões e contribuições a partir do documento elaborado pelos coparticipantes, que nesse processo são tomados como autores.

A documentação narrativa estabelece relações mais horizontais, ou seja, os sujeitos compartilham de um mesmo horizonte de expectativa, tornando-se fundamental que a documentação seja produzida por eles. A escrita e análise do pesquisador só acontece depois que a edição é feita pelos sujeitos e o relato é publicado. Nesse sentido, o pesquisador não é tomado no processo como um dos pares, o que o impede de documentar sua própria prática. Embora compartilhe do mesmo horizonte de expectativa.

O processo de escrita dos coparticipantes da pesquisa deve ser muito amplo para que, depois, com o processo de documentação entre narrações, escritas, reescritas, discussões e edições, vai se especificando até que se chegue ao documento final. É interessante que os coparticipantes encontrem os núcleos dos sentidos de sua própria prática experienciada.

3.3 Fontes da Pesquisa: Videografia

Além dos relatos de experiência escritos, inerentes à documentação narrativa, e das narrativas orais, utilizaremos também fontes videográficas entendendo que, por se tratar de uma documentação narrativa com professores violonistas acompanhadores, esse recurso será fundamental para documentar as narrativas com música, que ocorrerão nessas rodas de conversas e execução musical.

As fontes videográficas poderão contribuir nos registros da riqueza de detalhes que surgirão, tanto no processo de criação, quanto no de execução musical. Isso permitirá construir uma documentação narrativa com música, pois, como esclarece Abrahão (2014), quando se faz o uso desse recurso videográfico, nesse tipo de pesquisa, “o material videogravado também se configura como narrativa, da mesma forma como as narrativas orais ou escritas. ”, portanto, configura-se como uma documentação narrativa com música.

Por se tratar de uma pesquisa que se incumbe de documentar o que não está documentado, os professores violonistas acompanhadores utilizarão o elemento videográfico para capturar registros dos exemplos musicais utilizados no ato de narrar, pois os coparticipantes produzirão registros de si com música executadas por eles com seus violões, contribuindo na perspectiva de compreensão dos “modos como os indivíduos desenvolvem, nas histórias de vida em formação com a música” em um processo de musicobiografização. (ABREU, 2017 p. 08)

4. Considerações em Aberto

A síntese da pesquisa de mestrado em andamento aqui apresentada nessa comunicação tem como objetivo mostrar o processo de construção da pesquisa evidenciando o interesse pelo tema, os objetivos delineados na pesquisa, bem como os pressupostos teóricos e metodológicos utilizados.

A partir da problemática suscitada, dos objetivos delineados para a pesquisa e do diálogo com a literatura, percebo que as pesquisas em música que tratam de músicos acompanhadores, principalmente as que trazem o violonista como objeto de estudo estão mais focadas na análise de obras de músicos que se inscreveram na história, de certa forma, como acompanhadores.

A formação do músico acompanhador tem sido abordada por diversos trabalhos, porém em sua maioria, as pesquisas mostram de uma maneira ou de outra, que a formação se dá de maneira empírica. E, é nesse empirismo que a presente pesquisa pretende se debruçar entendendo especificidades da formação do professor violonista acompanhador que não estão dadas.

O uso da documentação narrativa é uma escolha teórico-metodológica, pois os coparticipantes da pesquisa são chamados a escrever, discutir, editar e publicar seus relatos de experiências. É fundamental que a documentação seja produzida por eles, uma vez que são os autores dos seus relatos de experiência da formação como professor violonista acompanhador. E, só depois dos relatos serem editados é que o pesquisador poderá tirar as conclusões para a escrita final de sua pesquisa.

Na perspectiva da biografização, segundo Delory Momberger (2012), o material biográfico mais apropriado para observação e análise na abordagem metodológica da pesquisa biográfica é de natureza bem particular, já que o único acesso às informações que o pesquisador precisa é possibilitado por meio dos atos de biografização a que os sujeitos se entregam.

Em se tratando de sujeitos que estão implicados com a música de várias maneiras, seja tocando, arranjando, compondo, lecionando ou estudando, acredito que ao produzirem uma documentação narrativa com música apreendendo experiências da formação como professor violonista acompanhador, a pesquisa poderá contribuir com proposições teórico-metodológicas interessando a um pesquisador da área de educação musical ou professores de música de diferentes contextos, a explorar a capacidade de compreensão e abstração de pessoas que se

relacionam com música como especialistas e teóricos de si em um processo de musicobiografização.

Referências

ABREU, Delmary Vasconcelos. História de vida e sua representatividade no campo da Educação Musical: Um estudo com dois Educadores Musicais do Distrito Federal. *Revista Intermeio*, Programa de Pós-Graduação em música, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2017.

ABRAHÃO, Maria Helena M. B. Anotações teórico-metodológicas do trabalho com fontes visuais e audiovisuais em pesquisas com Histórias de Vida e Memoriais de Formação. *Educação*, Santa Maria, v. 39, p. 13-26, jan. /abr. 2014.

ALHEIT, Peter. Aprendizagem Biográfica: dentro do novo discurso da aprendizagem ao longo da vida. In: (Org. ILLERIS, Knud), *Teorias contemporâneas da aprendizagem*. Porto Alegre: Penso, p. 138-152, 2013.

_____. Biografização como competência-chave na modernidade. *Revista da FAEEDBA– Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 20, n. 36, p. 31-41, jul. /dez. 2011.

_____. Processo de formação e aprendizagem ao longo da vida. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 32, n. 1, p. 177-197, jan./abr. 2006.

ARAÚJO, Gustavo Aguiar Malafaia. Construindo sentidos na Educação Musical: pesquisa-formação-ação com estudantes da primeira turma de ensino médio integrado do IFB-CESAM. *Dissertação de mestrado*. PPG – MUS/UnB, 2017.

BRAGA, Eudes de Carvalho. A trajetória profissional do professor de violão popular Paulo André: um estudo com entrevistas narrativas. *Dissertação de mestrado*. PPG – MUS/UnB, 2016.

BRESLER, Liora. Pesquisa qualitativa em educação musical: contextos, características e possibilidades. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 16, 7-16, mar. 2007.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, Vol. 17, n 51 (2012): 523-740

_____. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. São Paulo: Paulus, 2008.

DOMINGO, José Contreras. Relatos de Experiência, Em Busca de un Saber Pedagógico. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica*, Salvador, v. 01, n. 01, p. 14-30, jan/abr. 2016

FAOUR, Paula. Acompanhamento pianístico em bossa nova: análise rítmica em duas performances de João Donato e Cesar Camargo Mariano. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós-graduação em música, Centro de letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2006

FREIRE, Vanda Bellard. *Horizontes da pesquisa em música*. Rio de Janeiro, Viveiro de Castro, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de Vida e Formação*. São Paulo, Cortez, 2004.

MONTENEGRO, Guilherme Farias de Castro. “Os modos de ser e agir do pianista colaborador: um estudo de entrevistas com profissionais do Centro de Educação Profissional – Escola de Música de Brasília.” *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós-Graduação Música em Contexto, Departamento de Música, Universidade de Brasília, 2013.

MUNDIM, Adriana Abid. Pianista colaborador: a formação e atuação performática voltada para o acompanhamento de flauta transversal. *Dissertação de Mestrado*. Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

MUNIZ, Franklin Roosevelt Silva. “O pianista camerista, correpetidor e colaborador: as habilidades nos diversos campos de atuação.” *Dissertação de Mestrado*. Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. *Educação*, Porto Alegre, v 34, n.2 (2011): 147-156.

_____. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. *Roteiro*, Joaçaba, v.41 n.1 p. 67-83, jan/abr. 2016

PELLEGRINI, Remo Tarazona. “Análise dos acompanhamentos de Dino sete cordas em samba e choro.” *Dissertação de Mestrado*. Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

RUBIO, Isolda Crespi. A influência do pianista acompanhador no percurso de aprendizagem musical dos estudantes de instrumento. *Dissertação de Mestrado*. Escola das Artes, Faculdade de Educação e Psicologia, Universidade Católica Portuguesa, 2012.

SILVA, Samuel da. “O violão acompanhador: os arranjos do disco Afro-Sambas de Paulo Bellinati e Mônica Salmaso.” *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Música, Escola de Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

SUÁREZ, Daniel H. La documentación de experiencias pedagógicas. La indagación-ación del mundo escolar para la reconstrucción de la memoria pedagógica de los docentes. *VII seminário redestrado novas regulaciones em américa latina*, Buenos Aires, julho. 2008.

_____. Los docentes escriben para investigar e formarse. La red de documentación narrativa em Argentina. *Revista Trayectoria*, n. 3. 2015